
**O Papel da Memória ou a Memória do Papel de Pêcheux
para os Estudos Lingüístico-Discursivos**

**Le Rôle de la Mémoire ou la Mémoire du Rôle de Pêcheux
pour les Études Linguistique-Discursives**

Amanda Eloína SCHERER*

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA (UFSM)

Tania Regina TASCHETTO*

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA (UFSM)

RESUMO

Este artigo é resultado da apresentação no I Seminário de Estudos em Análise de Discurso, realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2003, tendo como ponto de análise o papel da memória segundo Michel Pêcheux.

PALAVRAS-CHAVE

Memória. Formação discursiva. Discurso. História. Lingüística.

RÉSUMÉ

Cet article est résultat d'un travail présenté au I Séminaire d'Etudes en Analyse de Discours réalisé en 2003 à l'UFRGS ayant comme sujet le rôle de la mémoire à partir de Michel Pêcheux.

MOTS-CLÉS

Mémoire. Formation discursive. Discours. Histoire. Linguistique.

* Sobre a autoras ver página 123.

Pêcheux foi um operário incansável, segundo Maldidier¹ (1984), nos dando pistas e nos indicando caminhos para entendermos e subvertermos um domínio já determinado como era o caso do campo político-histórico daquela época. Pêcheux nos ensinava e repetia sem parar que o espaço da Análise de Discurso era “o espaço incerto onde a língua e a história se encontram mutuamente submetidos e submersos” na e pela interpretação.

Nós sabemos, também, que Pêcheux, com a preocupação de entender a Lingüística como disciplina de interpretação, sempre teve uma relação muito estreita com a História, sobretudo no último período de sua vida intelectual. E, foi nesse último período que ele encontra em congressos e colóquios historiadores e historiógrafos. Com eles, Pêcheux procura entender as mudanças ocorridas na vida intelectual francesa, de então. Mas essa relação com a História nós sabemos também que ela vem se construindo desde o início: nós conhecemos as discussões com Régine Robin,² com Jacques Guillhoumou, como também com o sociólogo Bernard Conein, entre outros.

Além de Foucault, com quem teve um debate permanente, Pêcheux se interessava em De Certeau e Ginsburg, enfim nos historiadores das mentalidades.³ Em 1981, ele participa em Aix-en-Provence do Colóquio organizado por Vovelle sobre **Les resistances et les prisons de longue durée** e, em 1983, na École Normale Supérieure de Paris, ele se faz presente na mesa-redonda de número 7, intitulada **Rôle de la mémoire**, juntamente com Pierre Achard, um sociolinguísta e analista de discurso, Jean Davallon, um semiótico e sociosemiótico do espaço, e Jean-Louis Durand, um semiótico interessado no gestual na Antigüidade ateniense clássica.

O encontro da École Normale Supérieure, intitulado **Histoire et Linguistique**, tem oito temas para discussão. Todos eles direta ou indiretamente nos encaminham para o papel da memória nas reflexões e nas relações de interpretação. Da reflexão sobre *Corpus* e co-texto para a História na língua e a língua na História; da História e Lingüística do oral até os manuais escolares; assim como da discussão sobre a constituição do fato na História e na Lingüística ou o estatuto do texto escrito na História e na Lingüística, além do papel da tradução são discussões, sem sombra de dúvida, sobre o papel da memória no aparato de interpretação que produzem uma imensa cacofonia, cheia de rumores, de furores, de clamor, de polêmico e de controversas, de argumentos simétricos ou congruentes a respeito dos quais ninguém pode ficar indiferente.

Frutos dessas discussões com teóricos da História, da Sociologia, assim como das discussões sobre a imagem e sobre textos e discursos, a *memória* surge como questão efetiva que permite o encontro entre esses temas, a princípio muito diferentes. Esta questão como ele muito bem nos ensina

conduziu a abordar as condições [mecanismos, processos...] nas quais um acontecimento histórico [um elemento histórico descontínuo e exterior] é suscetível de vir a se inscrever na continuidade interna, no espaço potencial de coerência próprio à memória (PÊCHEUX, 1984, p. 49).

E Pêcheux (1984, p. 50), no seu argumento inicial, nos diz que a memória deve ser entendida como “nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e de memória construída do historiador”. Da questão do arquivo até aquela do *corpus* ou dos

¹ Texto em homenagem a Pêcheux na introdução dos Anais do Congresso Histoire et Linguistique (1984).

² Não esquecendo que o livro de Régine Robin: **Histoire et Linguistique** é de 1973.

³ Maldidier (1984).

estados do *corpus*, da questão da descrição à da interpretação, Pêcheux pensava talvez, no dizer de Maldidier (1984), em uma história social dos textos.

O texto **Rôle de la mémoire** é parte do colóquio acima citado sobre *História e Lingüística*, realizado em Paris, em abril de 1983. Nesse texto, Pêcheux discute “O que é memória? O que é guardado na memória? O que é memorizável, registrado na memória?” considerando os sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas e da memória construída do historiador. Discute, ainda, Onde está a lingüística como disciplina de representação em relação às disciplinas de interpretação? O que é da ordem propriamente lingüística em relação à ordem do discursivo e *a fortiori* em relação à ordem do icônico, do simbólico ou da simbolização? Segundo o autor, para tratar do memorizável é preciso entender o acontecimento inscrito no espaço da memória sob dupla forma-limite: (1) o acontecimento que escapa à inscrição, que não chega a se inscrever; (2) o acontecimento que é absorvido na memória como se não tivesse acontecido.

E ainda, para reconstituir o acontecimento, a memória “espaço móvel de disjunção, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização, um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos”, restabelecemos os implícitos, mesmo que não possamos “provar ou supor que esse implícito (re)construído tenha existido em algum lugar como discurso autônomo”.⁴ Os implícitos residiriam na memória discursiva, ausentes por sua presença, disponíveis em um registro oculto, encontráveis na “regularização” sob a forma de remissões, de retomadas e de efeitos de paráfrase (reconhecimento do que é repetível), reconstituíveis pelo efeito de opacidade marcado no

ponto de divisão do mesmo e da metáfora. No mesmo debate, Achard trata da “memória e produção discursiva do sentido”, abordando como condição necessária o estatuto dos implícitos dizendo que a “estrutura do discursivo vai constituir a materialidade de uma certa memória social”.

O funcionamento do discurso supõe que os operadores linguageiros só funcionam com relação à imersão em uma situação, quer dizer, levando-se em consideração as práticas de que eles são portadores. Isso coloca em cena uma negociação entre o choque do acontecimento histórico singular e o dispositivo complexo de uma memória que coloca em jogo “uma crucial passagem do visível ao nomeado”, no qual a imagem seria um operador de memória social, comportando no interior dela mesma um programa de leitura, um percurso escrito discursivamente em outro lugar – restabelecido pelos implícitos mediante o efeito da repetição e da regularização: a condição do legível em relação ao próprio legível.

Na mesma mesa do colóquio, Davallon, ao tratar de **A imagem, uma arte de memória?**, cita Halbwachs apontando para a dimensão intersubjetiva e sobretudo coletiva que só retém do passado o que ainda é vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que o mantém. Por definição, ela não ultrapassa o limite do grupo.

Para Pêcheux, a AD reencontra a imagem por outro viés: não mais a imagem legível na transparência, porque um discurso a atravessa e a constitui, mas a imagem opaca e muda, quer dizer, aquela da qual a memória “perdeu” o trajeto de leitura (ela perdeu assim um trajeto que jamais deteve em suas inscrições). No outro extremo, o choque opaco do acontecimento é também algo que não se inscreve, na medida em que está sempre “já lá”, no retorno de um paradigma passado que se repete no interior de sua aparição

⁴ ACHARD, P. **Memória e produção de sentido**, na mesma mesa de Pêcheux no Colóquio em questão.

instantânea, nas profundezas de um paradigma que estrutura o retorno do acontecimento sem profundidade.⁵

Com efeito, para ele, o fechamento exercido por todo jogo de força de regularização se exerce na retomada dos discursos e constitui uma questão social. Se situarmos a memória do lado, não da repetição, mas da regularização, então ela se situaria em uma oscilação entre o histórico e o lingüístico, na sua suspensão em vista de um jogo de força de fechamento que o ator social ou o analista vem exercer sobre discursos em circulação. Elas estão eventualmente envolvidas em relação de imagens e inseridas em práticas.⁶ A regularização se apóia necessariamente sobre o reconhecimento do que é repetido. Esse reconhecimento é da ordem do formal e constitui um outro jogo de força, este fundador.

E com Pêcheux (1984) aprendemos que a memória não restitui frases escutadas no passado, mas julgamentos de verossimilhança sobre o que é reconstituído pelas operações de paráfrase. Essas considerações deslocam o estatuto do que é provável historicamente porque a operação de retomada se localiza nesse nível. Para ele, o que distingue o analista de discurso do sujeito histórico não é uma diferença radical mas um deslo-

camento. A Análise de Discurso é uma posição enunciativa que é também aquela de um sujeito histórico (seu discurso, uma vez produzido, é objeto de retomada), que se esforça por estabelecer um deslocamento suplementar em relação ao modelo. A memória suposta pelo discurso é sempre reconstruída na enunciação. A enunciação, então, deve ser tomada não como advinda do locutor, mas como operações que regulam a retomada e a circulação do discurso.

Pêcheux não dissocia memória do histórico e do político. E o fato de que exista assim o outro interno em toda memória é, segundo Pêcheux, a marca do real histórico como remissão necessária ao outro exterior, quer dizer, ao real histórico como causa do fato de que nenhuma memória pode ser um frasco sem exterior.

Mas memória é muito mais que uma colagem, uma montagem, uma reciclagem, uma junção. Memória é tudo que pode deixar marcas dos tempos desjuntados que nós vivemos e que nos permite a todo o momento fazer surgir e reunir as temporalidades passadas, presentes e que estão por vir. E no dizer de Robin (2003, p. 15) quando se lembra, se lembra “*sur fond de cassure et collecte des bribes, des éclats, des fragments et des traces*”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHARD, P. Memória e produção discursiva do sentido In: ACHARD, P. et al. (Org.). **Papel da memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999. p. 11-17.

COURTINE, J.-J. **Histoire du visage** (Exprimer et taire ses emotions XVI-début XIX siècle). Paris: Payot, 1994. 287 p. Edição original: 1988.

COURTINE, J.-J. O chapéu de Clémentis: observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. **Ensaio**, Porto Alegre: Sagra-Luzzardo, n. 12, 1999. p.15-22.

MALDIDIER, D. Michel Pêcheux, une tension passionnée entre la langue et l'histoire. In: _____. (Org.). **Histoire et linguistique**. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1984.

⁵ Ver a esse respeito trabalho de Courtine e Marandin sobre memória cheia, saturada e memória lacunar ou com falhas, citado por Courtine, 1999.

⁶ Ver a esse respeito o trabalho de Courtine em relação à história do rosto (**Histoire du visage**, 1988).

PÊCHEUX, M. Rôle de la mémoire. In: MALDIDIER, D. (Org.). **Histoire et linguistique**. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1984.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. (Org.). **Papel da memória**. Tradução e introdução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

ROBIN, R. **Histoire et linguistique**. Paris: Armand Colin, 1973. 306 p.

ROBIN, R. **La mémoire saturée**. Paris: Stock, 2003. 524 p.

Santa Maria, novembro/2003.

Revisão maio/2005.

SOBRE AS AUTORAS

Amanda Eloína Scherer Doutora em Lingüística, Semiótica e Comunicação pela Université de Franche-Comté,, França. Realizou pós-doutorado na Université de Rennes 2, França. Professora da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM. Líder do grupo de pesquisa Discurso, História, Gênero e Identidade (CNPq/UFSM) e membro do grupo de pesquisa Trajetórias de Formação (CNPq/UFSM). Autora de vários artigos publicados em revistas especializadas, entre os quais *A constituição de sentido nas fronteiras do eu: memória da língua e língua da memória; Sens, histoire et mémoire: le silence fondateur dans la reconstruction d'un passé professionnel; Comment la langue apprise et enseignée devient un lieu de vie dans une culture socio-professionnelle; Quête du sens, quête d'histoire: la mémoire, le dire et la reconstruction d'un passé professionnel*; Autora de vários capítulos de livros, entre os quais *A História e a memória na constituição do discurso da Lingüística Aplicada no Brasil; Autonomie: le parcours-recours de l'apprentissage dans un espace de langues; Palavras de intervalo no decorrer da vida ou por uma política imaginária da identidade e da linguagem; Le parcours retour du sujet et du discours; Histoire de la langue, histoire du discours sur la langue: les enseignants de FLE au Brésil; Memória e História das Idéias: o ensino do francês no RS do fim do século XIX ao início do século XX; Lire une langue étrangère: construction et usage de sens en formation doctorale*. Co-autora do livro *Utopias e distopias 30 anos de maio 68*.

Tania Regina Taschetto é doutora em Lingüística pela PUCRS e professora do Departamento de Letras Clássicas e Lingüística da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Pesquisadora do grupo de pesquisa Discurso, História, Gênero e Identidade (CNPq/UFSM). Entre outros, autora dos artigos *O sujeito e suas vozes: um recorte no discurso acadêmico; A presença do sujeito no discurso acadêmico; Corpus: resolve-se antes ou depois?; O diálogo do eu com o tu-outro; Aquisição de inglês como segunda língua: a modalidade escrita*.